

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA
www.comunhaolisboa.com

ANO 30

Nº 189

MARÇO - ABRIL
2013

| Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão : | Índice | Página |
|---|--|-----------|
| | Editorial | 2 |
| Calçada do Tojal, 95, s/c | Recordando Kardec | 4 |
| 1500-592 Lisboa | Na dúvida, abstêm-te | 7 |
| Telefone : 217 647 441 | As coincidências do incêndio... | 9 |
| * | Do Além (Soneto) | 17 |
| Director Responsável : | Minha Oração de fim de ano | 18 |
| Manuela Vasconcelos | Américo Castanheira | 20 |
| * | Uma “curiosidade” do ontem... | 23 |
| | Páginas do Passado | 27 |
| Tiragem : 150 exemplares | A lição das reuniões mediúnicas | 32 |
| | O Passado presente | 35 |
| Distribuição Gratuita | | |
| * | | |
| Registo nº.211720 | * | |
| Depósito Legal Nº. 13972 | | |

EDITORIAL

Não podíamos deixar de iniciar este “Editorial” sem referirmos a renúncia do Papa Bento XVI – por ser um gesto invulgar, e por nos obrigar a pensar nas verdadeiras razões que o terão levado a tal fazer. E o que primeiro nos acode, é o recuarmos até ao tempo de Jesus e à expulsão dos vendilhões do Templo. Depois, lembramos ainda o que fizeram com Jesus aqueles que, na Judeia, representavam a religião.

A atitude que conseguiu passar para fóra das paredes inexpugnáveis do Vaticano faz-nos pensar que o Papa, mediante a série de escândalos de que foi tendo conhecimento e com que tentou terminar, para “limpar” a imagem degradada da Igreja, sentindo-se impotente (e não importa saber-se o porquê) para levar até ao fim o que se propusera fazer, tomou a única atitude que entendeu ser digna do que ele próprio representava.

Respeitamo-lo, por tal. Se entendeu que não conseguia ou não o deixavam separar “o trigo do joio” então, não seria conivente com o comportamento daqueles que, acobertados pelas paredes que deviam respeitar por representar a Casa máxima do Catolicismo, atraíram para ela as atenções do mundo pelos motivos menos próprios.

Não escrevemos estas linhas com qualquer espécie de julgamento, pelo contrário. Bento XVI, com a sua resignação, merece todo o nosso respeito; os outros... os outros, são também irmãos em aprendizado, tão imperfeitos como qualquer um de nós, que não souberam dignificar ou assumir a responsabilidade de que foram embuídos. Mas um dia despertarão e, com certeza, repararão o que ora fizeram ou estarão fazendo de errado, pois não olvidamos que o Senhor é Pai de Amor para todos nós.

E dentro do livre arbítrio de cada um, ao compararmos a renúncia de Bento XVI com a perseguição que, há pouco mais de há 2000 anos foi feita a Jesus, só sossegando quando o condenaram à morte, é como se tudo isto fosse um círculo onde as personagens se vão encontrando umas e outras, sem que o tempo conte, para que, com atitudes idênticas, tudo seja reparado. Será o que está a acontecer? O que aconteceu? Das notícias e comentários que transbordaram “cá para fóra” incomodou-nos aquela que dizia ter o Papa, há uns meses atrás, recebido uma ameaça no sentido de parar com o que estava a fazer ou, então, teria tantas semanas de vida... Não sabemos se foi assim que aconteceu ou se o jornalista que escreveu a notícia se empolgou de tal maneira que à virgula, quis acrescentar o ponto... Não sabemos... Mas fica-nos a tristeza de verificarmos que na “casa mater do catolicismo”, onde tudo deveria ser límpido, onde pedem às visitantes que usem roupas abaixo dos joelhos e não mostrem muito do peito (pescoço) – fica-nos a tristeza, repetimos de verificar que, afinal, há mais aparência que verdade.

Ao entrarmos paredes adentro das instalações facultadas aos visitantes, repercute no nosso cérebro e na recordação das leituras que fazemos: “Jesus era tão pobre que não tinha de seu nem uma pedra para repousar a cabeça...”. Talvez tudo isto seja uma consequência do luxo que ali impera...



Há semanas atrás, chocámo-nos todos com a notícia do incêndio numa boíte brasileira e da maneira como pereceram tantos dos jovens que ali tinham procurado passar umas horas distraídos. Não vamos comentar agora o acontecimento dado que, mais à frente, publicaremos um artigo de Gerson Simões Monteiro sobre o assunto



E temos a alegria de participar que o nosso site, inoperável durante alguns meses por razões várias, já está, de novo, activo, e todos o poderão consultar em www.comunhaolisboa.com

A vossa visita, e sugestões se for o caso, dar-nos-ão muito prazer.

A DIRECÇÃO



RECORDANDO KARDEC

A 31 de Março passará mais um aniversário do desencarne de Hippolyte Léon Denizard Rivail – para os espíritas Allan Kardec.

Confessamos que é difícil escrevermos sobre o Codificador da Doutrina Espírita, dado o grande número de escritores e espíritas, muito mais aptos que nós, que já o fizeram. Digamos que, estas palavras são apenas um aceno de gratidão ao Homem que, aceitando a missão para que, de início, não se sabia escolhido, a assumiu com humildade, vivenciando-a, depois, mediante a informação e orientação que, do Alto, chegou até ele.

E pensamos, honestamente, que mais que o seu valor intelectual – que era grande, sabemos-lo! – foi o seu valor moral que o orientou sempre, nas decisões a tomar. Lembramos, aqui, a informação dada, do Espírito Hahnemann, quando Rivail lhe

pergunta se poderá servir-se de determinado médium para o ajudar; o Espírito responde-lhe que “será melhor não se servir dele, pois a verdade não pode ser interpretada pela mentira”.

Esta resposta (e não vamos continuar a referir a conversa entre Hippolyte Denizard e o Espírito que o assistia), chama-nos a atenção não só para a responsabilidade da tarefa que o Professor Rivail assumiu, e todos sabemos ou, pelo menos, imaginamos o quão grande ela foi, dados os frutos que deu e continua a dar, como a responsabilidade de todos aqueles médiuns que bastas vezes se deixam enganar por mistificadores, no desempenho das suas tarefas mediúnicas que deveriam ser sempre realizadas com amor – o que não acontece quando se deixam envolver pelos “elogios” das entidades que por seu intermédio se manifestam, pondo-os a perder.

Conforme, mais tarde, Kardec escreveu, recordando as consequências de ter assumido a sua tarefa de Codificador:

“Fui alvo do ódio de inimigos intransigentes, da calúnia, da inveja e do ciúme; infames libelos foram publicados contra mim; as minhas melhores instruções foram adulteradas; fui traído por aqueles a quem servi. A Sociedade de Paris foi um foco constante de intrigas urdidas por aqueles próprios que se diziam estar a meu favor e que, abraçando-me pela frente, me apunhalavam pelas costas. Disseram que os meus sectários eram pagos com o dinheiro que eu arranjava com o Espiritismo. Não tive mais repouso e muitas vezes verguei ao peso do trabalho; comprometi a saúde e arrisquei a vida.” (In: Obras Póstumas, 2ª Parte).

Mesmo sem querermos, estas palavras transportam-nos aos dias de hoje e às Casas Espíritas onde, muitas vezes, pela falta de

resguardo dos seus colaboradores, estas situações também acontecem.

Mas, a DOCTRINA ESPÍRITA, por ser O CONSOLADOR prometido por Jesus, veio para ficar: graças a Allan Kardec e a seus contemporâneos e continuadores, que continuaram a Obra por ele Codificada, chegou até ao HOJE e continuará pelos tempos afóra porque, conforme lhe foi transmitido por um Espírito:

“O Espiritismo está destinado a representar importantíssimo papel na Terra: cabe-lhe reformar a legislação, por via de regra contrária às leis divinas; cabe-lhe rectificar os erros da história e apurar a religião do Cristo, transformada, nas mãos dos padres, em comércio e em vil tráfico. Instituirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai, directamente, a Deus, sem dependência das obras da sotaina ou dos degraus do altar. Extinguirá para sempre o ateísmo e o materialismo, a que têm sido arrastados certos homens pelos abusos constantes dos que se dizem ministros de Deus e pregam a caridade com uma espada em cada mão sacrificando à sua cobiça e ao espírito de denominação os mais sagrados direitos da humanidade.”(In: Obras Póstumas, 2ª Parte, em ‘O Futuro do Espiritismo’).

Nós, os tarefeiros das Casas Espíritas, sentimo-nos como os “herdeiros” de Kardec – herdeiros no sentido de mantermos a pureza doutrinária que ele soube referir como necessária, para que o Espiritismo seja a religião que nos liga a Deus - sem paramentos, sem dogmas, sem mistérios, mas cujo “equilíbrio” será necessário preservar das investidas das trevas que sempre perseguem quem intenta buscar e manter a Verdade e a Luz.

Neste mês, em que passa mais um aniversário do seu desencarne, recordemos Allan Kardec como o Homem que soube

responder “Presente” à chamada que o Senhor lhe fez, tendo-lhe dedicado os últimos anos da sua existência terrena na missão que assumiu como a mais importante daquela sua vivência.

MANUELA VASCONCELOS

*

NA DÚVIDA, ABSTÉM-TE

“Reconhece-se o verdadeiro espírita, pela sua transformação moral e pelos esforços que faz para dominar as suas más inclinações.” – Allan Kardec ¹

Em sua didática divina, Jesus leccionou²: “*Seja o teu falar: sim, sim; não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna.*”

Evidentemente, o Meigo Rabi estava realçando o que poderíamos chamar de “*coerência entre o falar e o agir*” de seus discípulos, sem desfasagem entre ambos.

NO FALAR:

Antes de vestirmos o nosso pensamento com as palavras, devemos – segundo aconselhamento do sábio grego Sócrates – passa-lo em três tamises (peneiras), perguntando-nos se o que vamos falar

1º - É bom?

2º - É verdade?

3º - É útil?

Caso o nosso pensamento fique retido em apenas um desses filtros, deixemo-lo morrer sem verbalizá-lo. Entendendo assim, é que Paulo, o apóstolo dos gentios, escreveu aos efésios: (4:29): *“Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem”*.

NO AGIR

“Quando estamos indecisos sobre o fazer ou não fazer uma coisa devemos, antes de tudo, propor-nos a nós mesmos as questões seguintes³:

1º - Aquilo que hesito em fazer pode acarretar qualquer prejuízo a outrem?

2º - Pode ser proveitoso a alguém?

3º - Se agissem assim comigo, ficaria eu satisfeito?

Se o que pensamos fazer somente a nós interessa, lícito nos é pesar as vantagens e os inconvenientes pessoais que nos possam advir.

Se interessa a outrem e se, resultando em bem para um, redundará em mal para outro cumpre, igualmente, que pesemos a soma de bem ou de mal que se produzirá, para nos decidirmos a agir ou a abster-nos. Enfim, mesmo em se tratando das melhores coisas, importa ainda consideremos a oportunidade e as circunstâncias concomitantes. Antes de empreende-la, convém consultemos as nossas forças e meios de execução”, atentando no aconselhamento de Paulo aos romanos: *“Sigamos, pois, as coisas que contribuem para a paz e para a edificação de uns para com os outros”*. (Ro., 14:19).

Em todos os casos, sempre podemos solicitar a assistência dos nossos Espíritos protectores, lembrados desta sábia advertência: “*Na dúvida, abstém-te.*”

1 – KARDEC, Allan. *O Evangelho s/o Espiritismo*. 121º ed. Rio: FEB, 2003, cap.XVII, item 4;

2 – MATEUS, 5:37;

3 – KARDEC, Allan. *O Evangelho s/o Espiritismo*, *idem idem*, cap.XXVIII, item 24.

RAQUEL C. COSTA

Este artigo foi-nos enviado, gentilmente, pelo Irmão Rogério Coelho, de Muriaé, Minas Gerais, a quem agradecemos a gentileza

*

AS “COINCIDÊNCIAS DO INCÊNDIO DA BOÏTE KISS, E O HOLOCAUSTO

**COMO FUNCIONA O “A CADA UM SEGUNDO SUAS OBRAS”
NAS DESENCARNAÇÕES COLECTIVAS
EXPLICAÇÃO DOS RESGATES COLECTIVOS EM
OBRAS PÓSTOMAS**

Após assistir pela televisão às cenas do incêndio na Boîte Kiss, na cidade de Santa Maria, RS, no dia 27 de Janeiro de 2013, orando pelos desencarnados, pelos feridos e todos os seus parentes que ficaram, um amigo espiritual me disse tratar-se de

“RESCALDO DA 2ª GUERRA MUNDIAL”. Diante desta revelação, conjecturei:

“Quem sabe se os Espíritos que desencarnaram na Boîte Kiss, por inalação de fumaça tóxica, foram aqueles que conduziram nossos irmãos judeus, poloneses e russos para morrerem nas câmaras de gás e nos fornos crematórios dos campos de concentração durante a segunda Grande Guerra Mundial?”

Pois bem, vejamos as coincidências encaixando-se com relação à intuição recebida sobre a causa da dolorosa tragédia:

1ª COINCIDÊNCIA:

Incêndio na Boîte no RS gerou o mesmo gás usado pelos nazistas :

Vejamos a notícia veiculada pelo INFO-ONLINE NOTÍCIAS, no dia 30/01/2013:

“São Paulo – O incêndio de domingo (27) na Boîte Kiss, em Santa Maria (RS), liberou cianeto, a mesma substância usada pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, para matar judeus e outros prisioneiros em câmaras de gás. O número de mortos já chega a 235 e o de hospitalizados a 143.

Em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, o Director Médico do Centro de Assistência Toxicológica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP (Ceatox), Antony Wong, afirmou que essa substância é um dos venenos mais letais que existem. O gás cianeto é o princípio activo do Zyklon B, usado pelas tropas de Adolf Hitler no Holocausto. Ele é capaz de matar as células rapidamente ao impedir que elas produzam energia.

Gás cianeto, fuligem e o monóxido de carbono foram as substâncias produzidas durante o incêndio, pela queima dos materiais usados no isolamento acústico da Boîte Kiss, como a espuma de poliuretano, usada em revestimentos acústicos baratos para isolar o som ambiente. Os revestimentos de boa qualidade são anti-chamas e não inflamáveis.

Segundo Wong, um dos agravantes é que o cianeto não tem cheiro, nem côr. Além disso, ele consegue matar, rapidamente, entre quatro a cinco minutos. Por ter essas características, muitos jovens acabaram intoxicados sem saber, pois imaginavam que estavam protegidos por máscaras improvisadas com roupas molhadas, enroladas no rosto.”

2ª. COINCIDÊNCIA:

Em 27 de Janeiro, data da ocorrência do incêndio na Boîte Kiss, comemora-se o dia internacional, em homenagem às vítimas do holocausto.

Outra coincidência que chamou a minha atenção, foi o facto de no DIA 27 DE JANEIRO se comemorar o Dia Internacional do Holocausto. A data foi escolhida pela Assembleia Geral da ONU, não por acaso. Neste dia, as tropas soviéticas libertaram o campo de concentração da cidade polonesa de Oswiecim (Auschwitz), que era uma verdadeira “fábrica de morte” para os presos, na sua maioria judeus.

Em Auschwitz foram assassinados cerca de um milhão e meio de pessoas. Destes, 150 mil eram poloneses, 100 mil, russos e mais de um milhão, judeus. Samuel Pizar, um ex-prisioneiro, diz que o campo era “um inferno na Terra”.

O PORQUÊ DAS EXPIAÇÕES COLECTIVAS

Agora, como aplicar o ensinamento do Cristo às mortes colectivas que aconteceram na Boîte Kiss, na cidade de Santa Maria, no interior do Estado do Rio Grande do Sul, um incêndio ocorrido no dia 27 de Janeiro de 2013, ceifando a vida de cerca de 240 jovens pela inalação de fumaça tóxica ou por queimaduras? Enfim, como explicar todos esses e muitíssimos outros factos dramáticos sob a óptica da Justiça Divina?

Para melhor entendermos a questão das expiações colectivas, esclarece o Espírito Duplantier, em *Obras Póstumas*, que é preciso ver o homem sob três aspectos: o indivíduo, o membro da família e, finalmente, o cidadão. Sob cada um desses aspectos, ele pode ser criminoso ou virtuoso. Em razão disso, existem as faltas do indivíduo, as da família e as da Nação. Cada uma dessas faltas, qualquer que seja o aspecto, pode ser reparada pela aplicação da mesma lei.

A reparação dos erros praticados por uma família, ou por um certo número de pessoas, é também solidária, isto é, os mesmos espíritos que erraram juntos reúnem-se para reparar as suas faltas. A Lei de Acção e Reacção, nesse caso, que age sobre o indivíduo, é a mesma que age sobre a família, a Nação, as raças, enfim, o conjunto de habitantes dos mundos, os quais formam individualidades colectivas.

Tal reparação se dá porque a alma, quando retorna ao Mundo Espiritual, conscientizada e, por isso mesmo, roga os meios precisos a fim de os resgatar devidamente.

Quem sabe se os Espíritos que desencarnaram na boíte Kiss, por inalação de fumaça tóxica, foram aqueles que conduziram nossos irmãos judeus, poloneses e russos para morrerem nas câmaras de gás e nos fornos crematórios dos campos de concentração, durante a segunda Grande Guerra Mundial?

TRAGÉDIA NO CIRCO

Outro facto que chocou a todos e com maior número de vítimas, em relação ao ocorrido recentemente em Santa Maria, aconteceu no dia 17 de Dezembro de 1961, na cidade de Niterói, RJ, em comovedora tragédia num circo. A justiça da Lei, através da reencarnação, reaproximou os responsáveis em diversas posições da idade física, para a dolorosa expiação, conforme relata o Espírito Humberto de Campos, pelo médium Chico Xavier, no livro *Cartas e Crónicas*. Os que morreram no século XX no circo de Niterói, foram os mesmos que, no ano 177 da nossa era, queimaram cerca de mil crianças e mulheres cristãs na arena de um circo na Gália, região da França, na época do Império Romano.

OUTRAS CAUSAS DAS MORTES COLECTIVAS

Na mensagem “Desencarnações Coletivas”, no livro “*Chico Xavier pede licença*”, o benfeitor espiritual Emmanuel esclarece outros motivos para as mortes que se verificam colectivamente. Diz ele:

“Invasores ilaqueados pela própria ambição, que esmagávamos colectivamente na volúpia do saque, tornamos à Terra com encargos diferentes, mas em regime de encontro marcado para a desencarnação conjunta, em acidentes públicos.

“Exploradores da comunidade, quando lhe exaurimos as forças em projecto pessoal, pedimos a volta ao corpo denso para facearmos, unidos, o ápice de epidemias arrasadoras.

“Exploradores de guerras manejadas para assalto e crueldade, pela megalomania do ouro e do poder, em nos fortalecendo para a regeneração, pleiteamos o Plano Físico a fim de sofrermos a morte de partilha, aparentemente imerecida, em acontecimentos de sangue e lágrimas.

“Corsários que ateávamos fogo a embarcações e cidades, na conquista de presas fáceis, em nos observando no Além com os problemas da culpa, solicitamos o retorno à Terra, para a desencarnação colectiva em dolorosos incêndios, inexplicáveis sem a reencarnação.”

FAMÍLIA MORRE QUEIMADA

Vejamos, agora, como funciona a Lei de Acção e Reacção, para redimir culpas passadas de diversos membros de uma família que, por vingança, incendiaram a casa de um vizinho, pela madrugada, matando todos dentro de casa. Os espíritos que compunham a família criminosa, ao reencarnarem, unidos novamente pelos laços consanguíneos, expiaram seus crimes num desastre no qual o carro em que viajavam pegou fogo, morrendo todos queimados dentro do veículo.

Como se vê, cada membro da família reparou individualmente os crimes cometidos na encarnação anterior, dentro do resgate colectivo. De facto, a dor colectiva é o remédio que corrige as falhas mútuas. No entanto, cada um só é responsável pelas suas próprias faltas, como determina a Justiça Divina, ou seja, como

indivíduos ou como membros de uma colectividade todos nós somos responsáveis pelos nossos actos perante as leis de Deus.

Segundo Emmanuel, nós criamos a culpa e nós mesmos engendramos os processos destinados a extinguir-lhe as consequências. E a Sabedoria Divina, vale-se dos nossos esforços e tarefas de resgate e reajuste, a fim de induzir-nos a estudos e progressos sempre mais amplos no que diga respeito à nossa própria segurança. É por este motivo que, de todas as calamidades terrestres, o Homem se retira com mais experiência e mais luz no cérebro e no coração, para defender-se e valorizar a vida.

Tais apontamentos foram feitos no final do capítulo intitulado “Desencarnações Colectivas”, no livro CHICO XAVIER PEDE LICENÇA, quando o benfeitor espiritual responde porque Deus permite a morte aflictiva de tantas pessoas enclausuradas e indefesas como nos casos de incêndios.

CONCLUSÃO :

É importante ressaltar que diversas circunstâncias colaboraram para a ocorrência da tragédia pois, na prática de engenharia de segurança, há a seguinte equação:

CONDIÇÃO INSEGURA + ACTO INSEGURO = ACIDENTE

Substituindo os componentes da equação:

1º - Condição insegura : o tecto em cima do palco, em material inflamável;

2º - Acto inseguro : artefactos que projectaram labaredas, durante o espectáculo e atingiram o tecto.

Diz Allan Kardec, na nota ao final da Questão 738 b), de O LIVRO DOS ESPÍRITOS que, “venha por um flagelo a morte, ou por uma causa comum, ninguém deixa, por isso, de morrer desde que haja soado a hora da partida. A única diferença, em caso de flagelo, é que um maior número parte ao mesmo tempo”.

E, finalmente, segundo esclareceram os Espíritos Superiores a Allan Kardec, na resposta à Questão 740 de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, “os flagelos são provas que dão ao homem ocasião de exercitar a sua inteligência, de demonstrar a sua paciência e resignação ante a vontade de Deus e que lhe oferecem ensejo de manifestar seus sentimentos de abnegação, de desinteresse e de amor ao próximo, se o não domina o egoísmo.”

Eis que tudo tem a sua razão de ser, embora no primeiro momento não consigamos abranger o quadro espiritual que está por trás de todos os acontecimentos trágicos. As chamadas **coincidências**, somadas ao pensamento lógico Espírita, através da Lei da Reencarnação, mostram que o passado culposo pode, sim, ter tido sua reparação agora, pois a prática do mal nunca fica impune.

GERSON SIMÕES MONTEIRO

(Vice-Pres. Da Fundação Cristã Espírita
Cultural Paulo de Tarso (FUNTARSO) – R.J.

(Este artigo foi-nos enviado gentilmente pelo Irmão Gerson Sestini, colaborador do “Consolador – Comunidade Espírita Cristã, na Rua 5 de Julho, 276, Copacabana – Rio de Janeiro, a quem agradecemos a atenção).



DO ALÉM

Pudesse o nosso olhar, vagueando os ermos,
Ver através da própria soledade
A expressão luminosa da Verdade,
E da luz da Verdade não descrermos...

Preocupar-se aí, porém, quem há-de
Com o problema de sermos ou não sermos,
Pois que o ardente desejo de o sabermos
É sempre o anelo falso da vaidade?

Peregrinos da dor, na dor andamos
Sem que a nossa miséria se desfaça
No escabroso caminho onde marchamos,

Seguindo a alma nos sonhos iludida,
Até que a dor unindo-se à desgraça
Descerre os véus que encobrem outra vida.

ANTÓNIO NOBRE, Espírito

(In: PARNASO DE ALÉM TÚMULO, psicografia de Francisco C. Xavier, ed. FEB, 2005).

MINHA ORAÇÃO DE FIM DE ANO

Senhor Deus, dono de todo o Tempo e da Eternidade, do Ontem, e o Hoje e o Amanhã, do Passado e do Futuro – ao acabar mais um ano, quero dizer-Te OBRIGADO por tudo aquilo que recebi de Ti.

OBRIGADO pela Vida e pelo Amor, pelas flores, pelo ar e pelo Sol, pela alegria e pela dor, pelo que foi possível e pelo que não foi...

Ofereço-Te tudo o que fiz neste ano: o trabalho que pude realizar, as coisas que passaram pela minha mão e o que com elas pude construir.

Apresento-Te as pessoas que, ao longo destes meses, amei, as amizades novas e os antigos amores... Os que estão perto de mim e aqueles que pude ajudar; as com quem compartilhei a vida, o trabalho, a dor e a alegria.

Mas também, Senhor, hoje quero pedir-Te PERDÃO: perdão pelo tempo perdido, pelo dinheiro mal gasto, pela palavra inútil e o amor desperdiçado... PERDÃO, pelas obras vãs e pelo trabalho mal feito, PERDÃO por viver sem entusiasmo!

Também pela oração que aos poucos fui adiando e que agora venho apresentar-Te; por todos os meus ouvidos, descuidos e silêncios, novamente TE peço PERDÃO.

Páro a minha vida diante do novo calendário que ainda se não iniciou e Te apresento estes dias, que somente Tu sabes se chegarei a vivê-los...

Hoje peço-Te por mim, para meus parentes e amigos, a paz e a alegria, a fortaleza e a prudência, a lucidez e a sabedoria. Quero viver cada dia com optimismo e bondade, levando a toda a parte um coração cheio de compreensão e paz.

Fecha meus ouvidos a toda a falsidade e os meus lábios a palavras mentirosas, egoístas ou que magoem. Abre, assim, o meu ser a tudo o que é bom!

Que meu espírito seja repleto, somente, de bênçãos para que as derrame por onde passar.

Senhor, a meus amigos que ouvirem esta mensagem, enche-os de sabedoria, Paz e Amor, e que a nossa amizade dure para sempre em nossos corações. Enche-me, também, de bondade e alegria, para que todas as pessoas que eu encontrar no meu caminho possam descobrir em mim um pouquinho de TI!

Dá-nos um ano feliz e ensina-nos a repartir felicidade. ASSIM SEJA.

(Psicografia da médium Maria Rosa Xavier Teles na última reunião do ano de 1012 na COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ, de Rio Tinto, e gentilmente cedida para publicação).



AMÉRICO CASTANHEIRA HENRIQUES

“Os órgãos Sociais do Centro Espírita Caminheiros da Luz informam o Movimento Espírita Português que o nosso Amigo e companheiro de lides espíritas retornou à Pátria Espiritual no passado dia 21 de Fevereiro de 2013.

“Em singela homenagem, editamos breves notas biográficas, relevando os preciosos préstimos colocados a serviço da Causa que abraçou com dedicado zelo:

“Quando o país se encontrava ainda sujeito ao espartilho da ditadura política, com a liberdade religiosa amordaçada e as actividades espíritas proibidas sob ameaça de prisão, a região do grande Porto pôde contar com um grupo de destemidos trabalhadores; entre outros, Laurentino Simões, Mário Moreira, Bernardina Moreira, Albuquerque Rocha, Avelino Cardoso e **Américo Castanheira**, cuja fé e perseverança permitiu trazer incólume o facho da Doutrina Espírita aos alvares da liberdade que a revolução dos cravos ofertou ao país, mantendo regular programa de reuniões de oração e palestras que variavam entre as habitações dos seus membros e campos e montes periféricos, em constante e precavida movimentação, para melhor desviar a atenção das autoridades policiais que não se coíbiam de interpelar, quicá, deter, eventuais suspeitos de associação política opositora ao regime instalado. Porém, foi chegado o momento de materializar na Terra o projecto espiritual que animava os corações devotados: a fundação de cenáculo humilde, porto seguro

onde pudessem acolher os aflitos e consola-los com as benfazejas graças da Doutrina Espírita e do Evangelho em particular.

“Em cumprimento dos generosos desígnios integra o grupo fundador do Núcleo Espírita Cristão, que vem a servir como Presidente da Direcção e trabalhador nas mais variadas tarefas, por vários anos.

“Entusiasta da Unificação, empenha-se na refundação da Federação Espírita Portuguesa, instituição que havia sido compulsoriamente encerrada pelo “Estado Novo” em 1953.

“Em 1986 afasta-se do Núcleo Espírita Cristão e, com outros companheiros, fundam o Centro Espírita Caminheiros da Luz, ao qual se manteve ligado como Presidente da Direcção e trabalhador durante vários anos, até que a precaridade da saúde física o impossibilitou da assídua prestação. Reconhecidos pelo elevado contributo à Causa e à Casa, os associados do CECL atribuíram-lhe o estatuto de presidente honorário da Instituição.

“A sua clarividência sobre a Unificação do Movimento Espírita em geral e na Região do Porto em particular, revelou-se importante para a consecução de um projecto superior que melhor servisse a divulgação dos postulados espíritas nesta área metropolitana, prestando a sua preciosa colaboração com lucidez e determinação para que o CECL integrasse o grupo fundador da União Espírita da Região do Porto e se mantivesse como seu membro activo.

“No ensejo, somos portadores do testemunho de gratidão das demais Associações filiadas à União Espírita da Região do Porto para a importância que o trabalho do confrade **Américo Castanheira** representou para a realização de tão cara empresa,

como se tem revelado a UERP, em concordância com o espírito de que se revestia.

“Reconhecidos ao amigo **Américo Castanheira** pela exemplar dedicação, os dirigentes, trabalhadores e associados endereçam a sua gratidão às Forças Superiores da Vida pela enriquecedora partilha de amizade que nos proporcionou o inesquecível confrade, que se une agora aos que o precederam, retomando as tarefas na seara do Mestre que tanta alegria continuarão a trazer à sua vida como indefectível e leal trabalhador de Jesus.

“Pela Direcção, dactilografado, Paula Moutinho.”

Tivemos o prazer de conhecer Américo Castanheira das vezes que, convocado para reuniões de trabalho ou de A.G. da FEP, ele surgia, sempre pronto a colaborar, como sabemos que o fez de cada vez que Maria Raquel Duarte Santos, então a Presidente em exercício, o contactava por precisar da sua colaboração ou do seu saber. Apreciámos sempre a sua dedicação, que nunca foi posta em causa até mesmo quando a doença o começou a coibir de se movimentar com a ligeireza com que, até então, o fazia.

Muitas vezes, depois do desencarne de Maria Raquel, perguntámos por ele. Outras tantas vezes recebemos a mesma resposta: continua doente mas vai colaborando como pode... Aprendemos com ele que a doença pode manietar-nos, mas quando o querer e a fé são grandes podemos sempre, de outra maneira, estarmos presentes e fazermos a nossa dádiva na colaboração lúcida que podemos doar... Aprendemos com ele. Que o seu exemplo fique para todos os companheiros que o recordam, agora, com saudade. A nós, fica-nos a esperança de que um dia nos voltemos todos a reunir, continuando do outro lado da Vida a pugnar pelo Movimento Espírita Português, como ele,

Espírito liberto, com certeza o começará a fazer, juntando-se aos companheiros do mesmo Ideal que o precederam. Que o Senhor o receba na sua Paz.

UMA “CURIOSIDADE” DO ONTEM PARA O HOJE

Quando nos “sobra” um bocadinho de tempo, gostamos de folhear livros e revistas que, num passado mais ou menos distante, trazem até nós aquele esclarecimento sobre determinadas pessoas e/ou atitudes que, até ali, não conseguíamos compreender. Agora, foi esse o caso, relacionado com um Irmão que tivemos, ainda, o prazer de conhecer e com o qual contactámos durante alguns anos, sendo por ele sempre acarinhada – talvez porque estávamos no início dos nossos primeiros passos aqui e Maria Raquel Duarte Santos fizera o favor de nos apresentar.

Referimo-nos a FRANCISCO THIESEN, que conhecemos como Presidente da Federação Espírita Brasileira, que várias vezes visitou Portugal e o Movimento Espírita, sempre acompanhado por Divaldo Pereira Franco, com quem o encontrámos pela primeira vez em 1977.

Em Fevereiro de 1948, um entrevistador do nº. 2 da Revista Portuguesa ESTUDOS PSÍQUICOS, ora desaparecida, que não quis assinar a entrevista, perguntou-lhe: Como se tornou espírita? E **Francisco Thiesen, então Vice-Presidente da Liga da Juventude Espírita do Rio Grande do Sul**, responde:

“Foi num domingo do ano de 1944 que eu comecei os meus estudos espíritas.

“A circunstância que me levou a esses estudos é uma das que a maioria das criaturas chama de acaso, mas que uma minoria mais sensata diz ser providencial.

“Como disse, a minha iniciação principiou num domingo; tinha, na ocasião, apenas 17 anos de idade. Pelo balanço que fiz do conteúdo da algibeira, verifiquei a escassez de dinheiro para a entrada do cinema e tive de me resignar ficando em casa. Sem nenhuma ocupação, agarrei, desinteressado, um exemplar de ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’, de Allan Kardec, sentando-me para folheá-lo; esse livro era de minha mãe e nunca, sequer, me despertara a curiosidade. Comecei a leitura de suas páginas, recebendo surpresas frequentes e fortes, porque tudo quanto lia era verdadeiramente racional e lógico, grandioso mesmo. Tomei conhecimento do que lá se achava sobre as doutrinas de Sócrates e de outros luminares, li os textos evangélicos (e eu muito me intrigava com a designação dos evangelistas, números de capítulos e versículos, pois não sabia que referências eram aquelas; somente algum tempo depois é que concluí serem citações do Novo Testamento, que também desconhecia) e seus comentários pelo Codificador da Doutrina Espírita, bem como as Instruções dos Espíritos; enfim, no domingo que marcou a minha entrada para o Espiritismo, devorei a metade do livro. Para mim, bastava a lógica e o bom senso da Filosofia Espírita; não me era necessário ver os fenômenos mediúnicos, para crer. Em suma, eu tinha a impressão nítida de que nada daquilo constituía novidade para o meu espírito, não obstante ter sido a primeira vez que se me deparara leitura tão agradável.

“No dia seguinte, segunda-feira, no intervalo do almoço e no fim da tarde, prossegui a leitura do livro, chegando à última página. As derradeiras folhas da obra traziam propaganda de outras, e as que mais me impressionaram foram as de Humberto de Campos, recebidas mediunicamente por Francisco Cândido

Xavier. Sem perda de tempo, fui a uma livraria e comprei diversos livros do referido escritor desencarnado, assim como algumas de Emmanuel. Lidos esses livros, adquiri os demais de Allan Kardec, os de Gabriel Delanne, Camille Flammarion, Léon Denis, J. B. Roustaing e alguns de outros autores. A minha vida teve uma mudança radical, e o estudo, após o trabalho, era a minha única ocupação, porque havia divisado horizontes mais largos, tinha conseguido a explicação fundamental da existência; os problemas do ser, do destino e da dor, para mim, deixavam de ser problemas, porquanto os havia equacionado.

“Sabedor de que existia, aos domingos, um programa radiofónico de palestras espíritas, locomovia-me, sempre, à casa de um tio, pois não possuía aparelho receptor. Através desses programas, cientifiquei-me da existência de um curso de estudos profundos da Doutrina, sob o patrocínio da Federação Espírita do Rio Grande do Sul: inscrevi-me, passando a frequentá-lo três vezes por semana. Lá conheci um grupo de jovens, com os quais me relacionei, para, juntos, fundarmos a ‘Liga da Juventude Espírita do Rio Grande do Sul’, em 15/9/45. Por intermédio da ‘Liga’, da qual fui seu segundo Presidente, travei relações com outros sectores doutrinários e com diversos confrades, dos quais me honro de ser amigo.

“Continuo estudando, porque a Doutrina Espírita é inesgotável, tem sempre algo para nos oferecer.

“Dou graças a Deus por não ter tido dinheiro para o cinema, naquele domingo de tanta significação nos meus destinos.

“Considerando o quanto de útil tenho angariado para o meu aprendizado, dentro do Espiritismo, procuro contribuir, em toda a parte, de acordo com as minhas possibilidades, para o

esclarecimento dos que, como eu, anteriormente, tanto necessitam de esclarecimento.

“Não se pode guardar a luz: por isso, e já que a recebi, tenho obrigação de difundi-la, a fim de pagar a dívida que tenho para com a Lei Divina, em razão do que Ela me concedeu.

“E foi assim que ingressei no Espiritismo, abandonando a máscara da indiferença e do materialismo para o qual marchava a passos largos, após haver-me desligado do catolicismo romano.”

FRANCISCO THIESEN

(In: Revista Portuguesa ESTUDOS PSIQUICOS, nº. 2, em Fevereiro de 1948 – 9º ano de publicação. Foi criada pelo Comandante da Marinha, e espírita, Izidoro Duarte Santos, que recorreu ao título primeiramente “usado” pelo Dr. José Alberto de Sousa Couto, numa revista que criara e mantivera, de 1902 a 1910, último ano da sua publicação. Izidoro Duarte Santos retomou o título em 1940 e, com o seu desencarne, foi Maria Raquel Duarte Santos que manteve a sua publicação, até 1983, ano em que deixou de ser publicada).

M. V.



PÁGINAS DO PASSADO

A CASA FANTÁSTICA DA CUMEADA

Em princípios de Outubro de 1919, o sr. Homem Cristo, Filho, primeiro anista de Direito, foi expulso da Universidade de Coimbra por desobediência e pragmatismo religioso e tentativa de sedição à mão armada. Alugou, então, na Cumeada, uma vivenda de um só andar, onde se instalou com a mulher e duas serviçais. Logo na primeira noite, a senhora começou a queixar-se, dizendo que ouvia rumores estranhos. Oito dias depois, o amigo do casal, sr. Gomes Paredes, também universitário, foi à Cumeada tratar de assuntos particulares e teve de pernoitar na casa do ex-colega. Conversaram até de madrugada e por fim retiraram-se, cada um para o seu quarto. Mal apagou a luz, o sr. Paredes ouviu pancadas na janela. Reacendeu a luz, ergueu-se, escancarou a janela e nada viu. Tornou a deitar-se, apagou a luz e eis que ouve passos junto dele e portas que se abrem e fecham por toda a casa. Acendeu novamente a luz e pôs-se a esquadrinhar debaixo da cama, dos móveis, etc.. Ninguém! Nada! Logo que apagou a luz, recomeçou o barulho.

Não querendo incomodar os restantes locatários, conformou-se com a situação e na manhã seguinte perguntou ao sr. Homem Cristo se tinha notado alguma coisa.

- Absolutamente nada – respondeu. De resto, não há que estranhar, porque eu durmo como um frade. Mas, afinal, que

poderia eu ouvir? Ladrões é coisa que aqui não há e tudo o mais, a meu ver, é pura fantasia.

Paredes, que conhecia o positivismo do outro, não insistiu. Voltou para Coimbra e contou ao pai o sucedido. Este, depois de ouvir com atenção, exclamou:

- É singular, visto que o locatário anterior deixou a casa devido a esses ruídos e a actual zeladora do Observatório Astronómico, que mora em frente, passou lá uma noite e declarou que não mais lá ficaria, porque a casa tem bruxedo. A meu ver, deves contar tudo ao colega e pedir-lhe que se sacrifique uma noite para observar o que por lá se passa.

Gomes Paredes seguiu o conselho e pediu a Homem Cristo que observasse por si mesmo.

- Era o que faltava! – gracejou ele.

E foi deitar-se, disposto a dormir, como de costume. O pior é que ouviu rumores que o intrigaram e por isso resolveu observar tudo na noite seguinte, em companhia do amigo. É conveniente notar que todo o pessoal dormia no 1º. Andar. No rez-do-chão não ficava ninguém.

Às onze da noite, o sr. Homem Cristo mandou recolher os serviçais, na forma do costume. Enquanto houve luz em casa, nada sucedeu; mas logo que apagaram a última vela, ouviram-se fortes pancadas na porta do rez-do-chão, que dava para o jardim... Então, o Homem Cristo desceu lesto e colocou-se junto à porta. As pancadas recommçaram e ele abriu rapidamente a porta. Não vendo coisa alguma, saiu a ver se alguém teria fugido por uma ruela vizinha. Mal chegou ao jardim, a porta fechou-se com estrépito e a chave volteou na fechadura, de modo que, para reentrar, teve de

bater à porta. Muito intrigado e convencido da presença de algum engraçado que quisesse divertir-se à sua custa, pegou no revolver e exclamou:

- Agora, veremos!

As portas continuaram a bater. Num pequeno compartimento contíguo ao quarto de dormir, as pancadas eram ainda mais fortes. E tudo isto se produzia no escuro e cessava logo que houvesse luz. Cada vez mais ansioso por descobrir o intrujão, o sr. Homem Cristo colocou-se no patamar da escada, de revolver em punho. Apenas se apagou o fósforo que acendera, ouviu bem perto uma estridente gargalhada, que ecoou por toda a casa, vindo na sua frente uma nuvem branca, enquanto das próprias narinas lhe saíam dois filetes de luz alvacentas.

Era demais! Começou a arrefecer-lhe a coragem. E a coisa prolongou-se até às quatro horas da madrugada.

Ao outro dia, como não pudesse admitir fenómenos psíquicos, resolveu requisitar um agente de polícia, a fim de testemunhar o que pudesse sobrevir. Queria, a todo o transe, agarrar o farsante e receava perder a calma e matar alguém.

Deram-lhe um inspector e dois agentes.

Chegada a noite, o inspector ficou no jardim, em frente da porta, no intuito de controlar qualquer movimento de entrada ou saída. Os dois agentes, o sr. Homem Cristo, Paredes e outro amigo, Henrique Soto, que ali acorreu, expressamente, para observar o caso, ficaram dentro de casa. Depois de examinarem tudo meticulosamente, apagaram a luz e as pancadas começaram a ouvir-se no rez-do-chão.

- Estão a ouvir? – perguntou o sr. Homem Cristo aos agentes.

- Perfeitamente, - responderam.

Os ruídos continuaram e o sr. Homem Cristo abriu, de repente, a porta; mas, como na véspera, a ninguém viu, senão o inspector, a passear tranquilamente.

- Quem bateu? – perguntou.

- Ninguém, - disse o agente policial.

- Mas... não ouviu pancadas?

- É demais! Entre, então, e vamos ver se os agentes são mais felizes.

Repete-se o facto. O inspector ouve as pancadas, mas os agentes não.

- Ah! - disse o sr. Homem Cristo – é assim? Então, entremos todos, porque a coisa é cá dentro.

Um agente foi destacado para o quarto em que dormira o sr. Paredes, no 1º. andar. Quando ia sentar-se num banco, este foi-lhe retirado com tal perícia, que o agente não pôde evitar a queda.

Os dois amigos, Paredes e Soto, ficaram no rez-do-chão, com o inspector. A senhora e as serviçais permaneciam nos seus respectivos quartos, no 1º. andar. O sr. Cristo, tal como na véspera, postou-se no topo da escada.

Logo que apagaram as luzes, voltaram as pancadas, sobretudo no pequeno compartimento contíguo ao seu quarto, onde apenas existia uma canastra. Aquilo parecia até um desafio...

De repente, ouviu-se grande barulho no quarto do amigo, semelhante a violento conflito, atraindo ali toda a gente, persuadidos de que o inspector tinha descoberto o farsante. Mas, - oh decepção! O que se lhes deparou foi o agente a bater com o sabre a torto e a direito, acabando por se esgueirar num pequeno gabinete, onde, na sua fúria, quebrou o espelho do armário. Tiveram de subjuga-lo à força, pois o homem parecia louco.

Restabelecida a calma, tornaram a apagar a luz e o sr. Homem Cristo retomou o seu posto, no patamar da escada, recebendo um tremendo bofetão que o fez gritar, pois - diz ele - era como se alguém lhe enterrasse as unhas, lacerando-lhe a face.

Acenderam imediatamente a vela e todos viram a marca de quatro dedos na face esquerda do sr. Homem Cristo.

Outra singularidade: o rosto do sr. Cristo estava rubro, mas a face direita apresentava lividez cadavérica.

Procuraram ver as horas. Era meia noite. O sr. Cristo e a sua mulher, as criadas, os amigos e os polícias, todos, enfim, apavorados, *não quiseram lá ficar nem mais uma hora* e foram passar o resto da noite no hotel. Os polícias, por sua vez, recolheram a penates e protestaram que jamais voltariam àquela casa. O sr. Homem Cristo sublocou-a, mas dois dias depois o inquilino retirou-se, declarando que ninguém ali poderia habitar.

MADALENA FRONDINI LACOMBE

(In: Revista Portuguesa, já desaparecida, ESTUDOS PSÍQUICOS, Outubro de 1946, nº. 11, que transcreveu o artigo do livro da autora “Annales des Sciences Psychiques”).

Madalena F. Lacombe foi do tempo da primitiva Federação, criada em 1926, após o 1º. Congresso Espírita Português, dedicando-se afincadamente ao estudo das materializações e tendo as suas análises e estudos publicados nas páginas da “Revista de Espiritismo”, da F.E.P.).



A LIÇÃO DAS REUNIÕES MEDIÚNICAS

A reunião mediúnica, com a manifestação das entidades que são levadas até ali para um primeiro esclarecimento, colocam-nos muitas vezes perante situações nas quais nos imaginamos com uma inquietação maior ou menor, tal como aqueles seres, perante o conhecimento que vamos tendo de nós próprios. Até que ponto, ao desencarnarmos, sofreremos mais... ou menos? Até onde nos tem levado o livre arbítrio, até que ponto a sua consequência quando chegarmos “ao outro lado” nos será (ou não) funesta – não no sentido primário da palavra mas no que ele poderá significar de um sofrimento maior ou menor?

Afirmamos muitas vezes que estamos na Terra porque somos imperfeitos (e ainda bem que o reconhecemos: assim, não nos imaginamos como espíritos de luz, reencarnados em tarefas missionárias que isso para nós, lucidamente, equivaleria ao descalabro total! Não queremos – e pensamos que vão sendo

evitadas – as “penas de pavão” ou uma auréola de santo – que não os vimos na Terra!

O discernimento que nos deu a Doutrina Espírita – que nos deu, porque nos obrigou a pensar, coisa que anteriormente não fazíamos – obriga-nos a uma análise da nossa conduta que, se quisermos seja regradada, deverá ser sempre feita antes de agirmos.

Chorarmos “sobre o leite derramado” (o reconhecimento de uma acção errada, mas só depois de praticada) não pode ser para quem se afirme espírita, já que o conhecimento da Doutrina nos revela atempadamente, muito antes de agirmos, a consequência daquelas que nos levam a mais uma queda!

A Lei de Causa e Efeito está presente em todas e para todas as criaturas e só quem não tiver ainda um mínimo de inteligência poderá desculpar-se com a ignorância. Mas, considerando todas as vivências que já nos foram concedidas, perguntamos até que ponto será racional desculparmo-nos com a ignorância, tal como se fossemos uma das crianças que começa, agora, a dar os primeiros passos?

Conforme a resposta à Questão nº. 621 de ‘O Livro dos Espíritos’, cada um de nós, ser inteligente – queiramo-lo ou não como desculpa para os nossos erros do quotidiano – ao reencarnar traz consigo a Lei de Deus na consciência. Então, sabemos sempre, talvez até por instinto, o que é certo e o que é errado... Assim, pensamos que já é mais que hora de deixarmos de culpar Deus dos nossos erros porque, reconheçamo-lo ou não, sendo Ele absolutamente perfeito não nos daria, em tempo algum, a obrigatoriedade de agirmos incorrectamente.

Ao longo dos tempos, mercê da Misericórdia Divina, de simples e ignorantes como o Pai nos criou, temos aprendido o que nos é ou não benéfico; o certo ou o errado já são, para nós, no Hoje, como o dia e a noite e se, levemente, deixamos que os erros e vícios que trazemos do Passado sejam ainda “nossos senhores” no Presente, só nos podemos culpar a nós... Se queremos continuar a agir como escravos dos sentimentos menos bons que continuam a manifestar-se em nós, não afirmemos, então, que a felicidade não é para nós: Deus criou-nos a todos para sermos felizes e só o não somos porque o nosso comodismo não nos deixa agir de maneira a expulsarmos o **animal** que continua a persistir em nós.

Queremos ser o que não somos mas nada fazemos para nos modificarmos! Então, quando assistimos nossos irmãos desencarnados sofredores que, mercê da Bondade Divina, comparecem numa reunião mediúnica para serem socorridos, vejamos neles, no seu sofrimento, na sua conduta, nas suas palavras, a amostra do que nós somos e de como nos manifestaríamos nas mesmas circunstâncias: eles são o espelho que refletem a nossa imagem ainda escondida; rodeemo-los de amor fraternal, ajudemo-los, e, intimamente, façamo-nos pequeninos para lhes sabermos agradecer o grito de alerta que a sua presença significa para cada um de nós. Que o espelho que não existe detenha os nossos passos, muitas vezes à beira de abismos de tentações que representarão séculos de sofrimento, se nos deixarmos cair, e nos oriente para o caminho que nos levará, finalmente, até à porta estreita dos bens aventurados!

MANUELA VASCONCELOS

O PASSADO PRESENTE...

Paixão de Cristo! Rememora mais uma vez a Humanidade o acto culminante da grande tragédia divina, em que o Justo, subindo o serro escaldado do Calvário, deixou lá o exemplo da sua vida terrena a alumiar as gerações que haviam de vir.

Nessa vida de Jesus, tão humilde, tão pobre, tão grande, tão generosa; votada ao amor, votada ao sacrifício, pôs Deus todos os tons da luz que pudessem ficar servindo de farol ao cérebro, ao coração e à acção de todos os homens. E como se não fosse bastante o exemplo que em cada acto dele surge, a lição que vem de cada palavra, a luz que irradia de cada ideia, o conforto que se colhe de cada uma das suas consolações, a paz que se encontra em cada um dos seus conselhos, a felicidade que se bebe em cada uma das suas esperanças, a certeza que nos vem de cada uma das suas afirmações, a verdade que irrompe de toda a sua acção, ainda da sua morte vem lição preciosa de resignação à dor, de submissão à vontade de Deus, de abnegação às grandezas e às doçuras da vida e da piedade e de perdão para todos os que neste mundo, cegos de paixão, inveterados de ódios, cortejando, jubilosos e felizes de altivez, o supremo acto de ingratidão, fazendo só o mal a quem só lhes fez o bem.

Que fez Jesus para merecer a morte na ignomínia? Para que os juízes e o povo o condenassem; para que houvesse rancor na sentença, ferocidade na execução, escárnio na dor, prazer no exagero do sofrimento, acintoso propósito na companhia que lhe davam na morte, honra nas guardas que lhe punham, cautela nas precauções que tomavam, alívio em todos no exalar do seu último suspiro, devia ter sido esse criminoso alguma coisa de excepcional na maldade; devia a sua vida estar crivada de horrores; os seus

actos terem apavorado os povos, aterrado as suas mães, horrorizado os justos. Devia ter pregado a guerra, o ódio, a vingança. Devia ter sublevado os súbditos de Roma, os escravizados da Judeia. Devia ter querido subverter a ordem, aniquilar a paz, conflagrar o mundo. Devia ter pregado o desrespeito, destruído vidas humanas, saqueado tesouros, posto em sobressalto e em pavor as multidões, convulsionado os princípios básicos das sociedades... E, em verdade, ele foi um grande criminoso. De facto convulsionou os princípios básicos das sociedades e por isso mereceu a morte.

Ele era a perturbação. Aluíá, nos mais íntimos fundamentos, o que campeava como glória e bem, na época em que surgiu. Esse homem humilde, que vinha ignorado não se sabia de que bandas, que vivia entre os simples, que fazia adeptos entre os desgraçados, cometia o crime espantoso de, em palavras doces, repassadas de tristeza e severidade, admoestar os maus; de, em gestos simples, curar os doentes; de, em termos brandos, ensinar aos povos que, após esta vida, viria outra vida onde aos sequiosos de justiça se faria justiça; aos martirizados de dor seriam dadas eternas consolações. Ele cometia o acto subversivo de ensinar que o publicano e o samaritano eram filhos do mesmo Pai que o Tetraca e o César; que todos os homens eram irmãos e só os distinguia a virtude. Ele cometia a loucura de só proclamar o amor, em vez do ódio; o perdão, em lugar da ofensa; a bondade para destruir a maldade.

Ele abnegava riquezas, faustos, poderios. Ele não sociava com os sábios, os grandes, os senhores e ia para junto dos humildes ensinar que nos céus havia um Pai carinhoso para os que o amassem, justiceiro para os que não cumprissem as suas leis de bondade e de justiça. Ele ensinava que a maior virtude era a Caridade; que se devia ser sempre caritativo para com as

necessidades e faltas alheias; que ninguém podia julgar, para não ser julgado; que se devia perdoar ao inimigo, para que Deus perdoasse; que quem desprezasse as riquezas do corpo teria as riquezas da alma; que a vida não era esta passagem efémera em que cada vivente se encontrava, mas a eternidade da alma aperfeiçoada; que, para ser seu discípulo, era necessário cada um tomar a sua cruz e seguir com fé, com constância, com humildade; que na humildade residia toda a grandeza; que quem quisesse ser exaltado se devia humilhar, quem quisesse ter, devia dar; que devia cada um dar a Deus o que de Deus era e a César o que a César pertencia – exemplificando assim que na vida terrena há tempo e ocasião para se gozar das coisas da matéria, sem deixar de curar das do espírito; satisfazer às exigências da carne, sem menosprezar os atributos mais grandes, mais belos, mais duradouros, por eternos, da Alma.

E um homem que aparecia a fazer tudo isso não merecia a morte? Merecia, merecia mil mortes; e assim mostraram pensar, quando, não lhes podendo dar mil mortes, que aos vindouros desse exemplo, lhe cercaram a única, a que ele era susceptível, de tormentos bárbaros, de escárnios espectaculosos, de martírios inúteis, de actos inusitados.

Em tudo quiseram dar excepção, que só revestia grandeza, ao cenário e ao desenrolamento do Drama de que havia sair, como milagrosa maravilha, a luz redentora da humanidade. E, considerando bem, se aquela morte fosse simples como as outras mortes, tudo se consumiria no pálido esquecimento dos homens. Assim, não. Tudo serviu para ferir as almas, para deslumbrar os cérebros, para enternecer os corações, para fazer brotar torrentes de lágrimas, para enrobustecer a fé, para obrar prodígios de caridade, de amor, de abnegação, de humildade, desde que o Justo dos justos deixou exalar dos seus lábios exangues, de onde saiu a

palavra mais divina que ouvidos humanos têm escutado, o último suspiro de uma vida única de grandeza na história dos homens, até às últimas gerações que ainda hão de ir a esse planeta.

Parecia que propositadamente os algozes do Mestre procuravam efeitos simbólicos e expressivos. Até quando quiseram rebaixa-lo, colocando-o entre os dois facínoras maiores que povoavam as suas prisões. Simbólico e belo. Ninguém, que adorasse o Cristo e tivesse a previsão profética do futuro e a consciência justiceira do passado, o faria melhor. E, para que em nada falhasse a cor, nem a expressão, sucedeu que desses facínoras, em meio de que ficava o Justo, um era endurecido no crime, impenitente e mau; o outro, arrependido, convertido e humilde. Eles eram o símbolo da humanidade.

Que é Jesus entre a humanidade? Que representa? Que é a sua acção? Quem não vê que Ele, desde que da sua boca começaram a soltar-se palavras de perdão, de paz, de vida, como do Sol, ao aparecer no escuro da noite, começam a soltar-se chispas de luz que vêm iluminar o mundo. Ele não é outra coisa que o intermediário entre o mal e o bem, como a aurora entre a noite e o dia? Quem não vê que Ele tem estado desde então e continuará a estar, entre a treva e a luz, entre a mentira e a verdade, entre a vingança e o perdão, entre a guerra e a paz, entre o desespero e a esperança? É Ele que, do escuro da ignorância e da perversidade, vem arrancando e trazendo para a luz da perfectibilidade os pobres Espíritos atrasados e transviados; que, das doutrinas erróneas, vem trazendo os intelectos para a luz verdadeira; que, dos antros da raiva e do ódio, vem conduzindo os infelizes para as regiões do amor; que, das imperfeições humanas de que resultam as rixas e as guerras, vem conduzindo pela brandura e pela mansidão das suas doutrinas, para a prometida paz universal; e que, dos pélagos, onde sofrem as almas e os corpos, em estremecimentos de exaspero que

supõem infinito, como num lendário inferno, inconcebível, vem trazendo os infelizes, em procissão de riso e de amoroso conforto, para os reinos azulados da Esperança. Bem fizeram em pô-lo entre o mau e o bom ladrão. O mau era o passado, o bom seria o futuro. O mau era o irredimido; o bom era o redimido. O mau era o homem; o bom viria a ser o anjo; o mau era o mundo; o bom seria o Céu. O mau era a humanidade terrena, caída em expiação na Terra pelos seus vícios, pelas suas torpezas, pelas suas qualidades más; o bom seria a humanidade liberta que viria povoar os espaços, purificada pelo arrependimento, pela luta pela virtude, e ascenderia, em avançadas quentes de luz, em bandos felizes de convertidos e purificados, aos mundos melhores, de mais ideal perfeição, até atingirem a felicidade suprema dos puros servidores do Pai.

E não foi só a vontade dos homens, que representou, na simbólica companhia do Justo, a sua acção eterna. Até a Natureza se associou, fazendo que, no instante supremo em que o maior dos Espíritos se libertava da carne que lhe fora cárcere e instrumento, a terra tremesse, o céu se caliginasse e os raios cruzassem, convulsivamente, os espaços negros, em fulgurações de luz. E a Natureza dizia assim que a vida daquele que na Terra morria ignominiosamente, sendo o Justo, aluía e derruía um passado que era treva no mundo e o sulcara com a sua luz rápida e deslumbrante.

As velhas sociedades tremiam e a escuridão ficava cortada, rajada de luz, que a fazia desaparecer na continuação dos tempos.

A morte de Jesus a tudo traz exemplo e conforto. Quem há no mundo que, sentindo-se infeliz, voltando os olhos do seu espírito em tribulação para o escavado serro de Jerusalém, se não sinta menos desgraçado? Quem não vê que o que mais sofreu foi o que

mais bem semeou e produziu; que, o que mais desonrado foi e é, será o mais honrado; que o que foi mais inocente, foi o mais vilipendiado e caluniado? Que o que mais ofendido foi, foi o que mais perdoou e ensinou a perdoar? Que a ele, que trazia carinhos, deram açoites; que acariciava crianças e enfermos, animava humildes e fortalecia débeis, igualava os homens e elevava a mulher, fizeram alvo de injúrias; que dava saúde aos corpos e luz às almas, enaltecia a liberdade e purificava as consciências, só recebeu em troca ofensas, desprezos e morte? Quem, meditando na morte, na Paixão de Jesus, ousará sentir-se infeliz, sem consolação, martirizado sem esperança?

Que cada homem na Terra, bom ou mau, pobre ou rico, onipotente ou escravizado, feliz ou infelicitado, chorando em desesperos, ou rindo em venturas, volva, por um instante, o seu pensamento ao espectáculo único que há dois mil anos se representou numa velha cidade tórrida da Judeia, medite, penetre a lição suprema que de lá irradia, em ondas de som, em ondas de luz, em ondas de cor, em ondas de afecto, em ondas de esperança, em ondas de caridade, em ondas de perdão, em ondas de justiça, em ondas de amor, em ondas de vida, e procure encaminhar o seu espírito na linha ascensional e recta que conduza às regiões da Bondade e da Perfeição que aquele exemplo lhe aponta. Cristo, ensanguentado, ferido, arroxeadado, cravado na cruz no alto monte dos suplícios judaicos, foi o marco maior que Deus pôs no Universo, para o homem se encaminhar no destino até Ele.

ALVES MENDES

(In: DO PAIZ DA LUZ, 4º volume, em psicografia do médium português Fernando de Lacerda : Loures 1865 – RJ 1918).

